Percepções e sensibilidades: o encanto singular nas teias da urbe

Perceptions and sensibilities: the unique charm of the town in the webs of the urbe

Ilsyane do Rocio Kmitta
UFGD
ilsyanekmitta@ufgd.edu.br

Resumo: A proposta de trabalho está ancorada nos referenciais teóricos da História Cultural e apresenta o propósito de produzir uma leitura da História, a partir da oralidade e da memória dos moradores de um pequeno centro urbano da planície pantaneira, situado ás margens do Rio Paraguai. Ousamos apresentar a memória de uma população que vivenciou experiências singulares quando nas enchentes que ocorreram em Porto Murtinho entre os anos de 1979-1988. Tal pretensão permite-nos a análise do fato narrado, suas características e modificações bem como as articulações e significações que envolvem todo um universo cultural próprio do Pantanal.
Palavra-chave: Pantanal; enchentes; memória; Porto Murtinho

Abstract: The work proposal is anchored in Cultural History's theorists references and shows the intention to make a reading of the History, starting from the orality and the memory of the habitants of a small urban center of pantaneira plain, located on the banks of Paraguai river. We venture to show the memory of a population that lived particular experiences when a flooding occurred in Porto Murtinho between the years 1979-1988. This pretention enables us an analysis of the fact narrated, its characteristics and modifications as well as the articulations and meanings that involve all the cultural universe of the Pantanal itself.
Keyword: Pantanal, floods, memory, Porto Murtinho

Porto Murtinho iniciou sua trajetória em meados de 1850, em virtude da ocupação, pela fronteira do Brasil com o Paraguai. Elevado a categoria de cidade pela Lei 962 de 12 de julho de 1926, é um pequeno centro urbano situado as margens do Rio Paraguai e uma das sub-regiões do Pantanal. A cidade possui um relevo de planície pantaneira com áreas alagáveis solo arenoso e uma vegetação singular de extensos palmares, com destaque para o carandá muito utilizado na construção de jiraus.[1] Em 1892, a possibilidade da construção do porto de escoamento para a erva mate coloca Porto Murtinho no cenário mato-grossense. Parte integrante do Pantanal, a cidade mantém traços identitários da cultura pantaneira edificada a partir da consciência dos seus habitantes. Como região de fronteira entre Brasil e

[1] Os jiraus são elevações feitas sobre postes fincados no chão, sobre os quais se assenta um tablado que servem para o resguardo de objetos e pessoas. Recurso utilizado por muitas famílias na ocorrência das enchentes de 1979, 1980 e 1982, e é um mecanismo comum na região pantaneira afetada por inundações.

Paraguai, apresenta muitos hábitos e costumes do país vizinho. Os idiomas se misturam, mas todos se entendem. (KMITTA, 2010) Peculiaridades são notadas na entrevista com "Seu Toninho" quando calmamente nos responde como é viver no Pantanal.

> Não tem como andar depressa, tudo é devagar aqui, tudo é calmo, tudo é tranqüilo. Acho que é por causa desse calor que faz aqui sabe, é uma certa preguiça, que não é preguiça no sentido de vagabundagem. Preguiça no sentido de indolência mesmo, que não tem como você ser, como correr e, se você correr você corre sozinho e o povo fica lá atrás, vai sozinho na frente. Então não adianta, ou você se adapta ao povo e ao jeito de ser do povo ou você fica fora do contexto. Você se adapta aqui tudo é devagar, não tem nada de correria não, é tudo de paciência, como diz o povo daqui, tudo devagarinho.[2]

Percebemos que inicialmente o homem reconhece o espaço geográfico em que está inserido e, em segundo momento, busca as mais variadas formas de vivencia e pertencimento com o espaço no qual passa a estabelecer vínculos. Conhecer a urbe e as representações com as quais os indivíduos e os grupos sociais ordenam e orientam sua relação com a natureza no Pantanal, que atua como uma moldura deste centro urbano, permite entender como através dos códigos culturais específicos da planície pantaneira os mesmos modelam sua visão de mundo e compartilham seus significados. Parte-se da idéia de que o conjunto de acontecimentos construídos pelo homem ao longo do tempo para a compreensão do universo que o circunda, possibilita questionamentos relacionados à forma com que foram vivenciadas algumas experiências em suas particularidades, como no caso das enchentes que marcaram a cidade entre 1970-1990.

Partindo da premissa de que a cidade é um espaço complexo de relações onde

> [...] a descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os micro estímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham. (PESAVENTO, 1995:284)

Percebemos que é uma noção fundamental, entender a cidade como um espaço heterogêneo construído historicamente pela ação dos sujeitos que a constituem. A cidade longe está de ser, e de fato não o é, uma massa homogênea, engessada e acabada. É dinâmica, está em um movimento de constantes transformações pela ação dos diversos e múltiplos

[2] Antonio Carlos Dias Barreto. Entrevista em agosto/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

atores que, através de suas lutas cotidianas, impõem a cidade um dinamismo de mudanças e de apropriação de sentidos. Toda cidade tem uma multiplicidade de histórias que contemplam os mais diversos cenários, as mais diversas memórias. Atores sociais anônimos que em suas tramas cotidianas, reescrevem as singularidades e peculiaridades dos espaços, agregando um universo simbólico próprio. (KMITTA,2010)

Salientamos que nossa pretensão em apresentar um fragmento da História de Porto Murtinho através da memória dos seus moradores, não está alicerçada na obtenção da "veracidade absoluta, mas na verossimilhança possível", (PESAVENTO,2001:10) ante o fato de que adentramos no campo das representações e consequentemente dos discursos que se moldam sobre o real, ou melhor, se tecem no tempo presente. O que significa, segundo a autora, que "indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade." (2004:39) Mais que relatos de acontecimentos, as narrativas, são mutáveis, ou seja, será reelaborada de acordo com a dinâmica social a qual o indivíduo está exposto, à sua atribuição de sentido a cidade, gerando novas interpretações do passado, pelo prisma das experiências do presente. Acontecimentos que permeiam memórias que não se configuram como simples reminiscências.

As enchentes de 1979, 1982 e 1988 marcaram a cidade, alterando seu espaço e, ao mesmo tempo, restringindo-o com a construção de uma barreira para contenção das águas. Fragmentos de lembranças são guardados pelos moradores e, que são resignificadas em suas práticas cotidianas, incorporados e apropriados pelas novas gerações que, mesmo acreditando na segurança oferecida pelo dique de contenção de águas, temem uma enchente nos níveis de 1979 e 1982. Pesavento, ao escrever sobre a *cidade da memória* salienta que esta "é sempre, uma cidade do passado, vivida por cada um ou da qual se ouviu contar, por alguém que a teria vivido ou ouvido, por sua vez, também contar por outro [...]" (2002:27)

As narrativas dos moradores que testemunharam, participaram, vivenciaram tais acontecimentos abrem a possibilidade de uma narrativa, cujos fragmentos se somam e, dá forma a descrição que cautelosamente aqui delineamos. Assim, "é possível ver, neste resto ou caco de outro tempo e espaço, a cidade do passado, recuperada pelo pensamento na sua materialidade, sociabilidade e sensibilidade de modos de ser." (PESAVENTO, 2002:27) Cada parcela, cada fragmento deste processo de construção esta alicerçado em perspectivas que fomentam novos questionamentos e novas descrições e, nesse contexto possibilita entender os

meandros que se seguiram na constituição deste espaço singular que compreende a cidade de Porto Murtinho e, que se encontra nos "*lugares de memória"* dos moradores.

Ao escrevermos sobre a constituição de um espaço urbano, não devemos perder de foco a memória enquanto um elemento participante do processo constituição e de elaboração no pensar-se cidade. O homem enquanto um morador urbano retorna ao seu passado como forma de significar o presente através das memórias e das representações. Experimenta uma cidade do presente que, oriunda do seu passado, transforma o presente em ausência. Fato esse verificado em entrevista com Hipólito Soares quando fala sobre Porto Murtinho. Ele dirige a palavra ao seu interlocutor, ao mesmo tempo, em que direciona a si mesmo o seguinte questionamento: Você conhece a cidade? Eu também estou aprendendo a conhecer a minha cidade.[3]

A construção cotidiana das paisagens urbanas, lança ao homem o desafio de conviver com elas e, ao mesmo tempo, configurá-las para a continuidade e sua permanência nos espaços urbanos. Para Carlos (2001) a importância de se atentar para a historicidade desse processo é que o mesmo agrega em sua constituição as dimensões sociais, geográficas políticas e econômicas. Ao mesmo tempo em que o senhor Hipólito apresenta um "desconhecimento" do espaço geográfico frente às modificações oriundas dos processos modernizadores e globalizantes ele traz para si a cidade quando se refere a ela enquanto "minha", assim, entendemos que o espaço urbana adquire valor de propriedade, agregando representações e identidades, não reduzindo a cidade a uma única dimensão ou perspectiva. As paisagens construídas se modificam ancoradas em necessidades individuais e da coletividade ajustadas nas experiências do viver a cidade considerando os aspectos de espaço e lugar, tempo e momento.

A cidade sendo o produto e um processo histórico e, por conseguinte, um produto do homem, que atua como agente de todo o processo de construção onde espaço e tempo são indissociáveis nas relações de intervenções, tão bem analisadas por Bresciani (2004), seja no que tange aos aspectos humanos quanto geográficos, deve ser analisada e por que não discutida, com o olhar voltado não apenas para a constituição dos espaços, como também lançar novos olhares para os citadinos, focar suas ações e experiências vividas em relação as constituições das paisagens urbanas, com a urbe, suas sociabilidades que configuram e dinamizam o urbano.

[3] Hipólito Soares de Lima. Entrevista em 21/Ago/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

Sendo Porto Murtinho uma das sub-regiões do Pantanal e como tal, possui características especificas e singulares marcadas pelos ciclos das águas e períodos de estiagem, fenômeno inerente e peculiar, que influencia nas maneiras de viver e pensar dos moradores, nos seus hábitos e costumes que se consolidam no cotidiano, nas suas experiências enquanto moradores urbanos do Pantanal. A cidade tem uma multiplicidade de histórias que contemplam os mais diversos cenários, as mais diversas memórias. Atores sociais anônimos que em suas tramas cotidianas, reescrevem as singularidades e peculiaridades dos espaços, agregando um universo simbólico próprio. Para Oliveira,

> Ao longo da história, as cidades têm assumido diferentes sentidos, finalidades e discursos. São vistas como espaços de agrupamento, segurança, civilização, mas também de desigualdades, conflitos, violências e contradições. (OLIVEIRA, 2007:104)

Na ocorrência das enchentes de 1979 e 1982, com um nível de 9,16 m e 9,72m respectivamente, a cidade é tomada pelas águas e a população foi deslocada para um alojamento provisório. Enquanto as águas subiam, eram montadas as barracas que serviriam de abrigo para a população por um período aproximado de seis meses. As famílias foram sendo deslocadas e gradualmente à cidade foi perdendo seu traçado surgindo assim um novo caminho, único, o caminho das águas e uma nova cidade – a "cidade de lona".

Com a cidade de lona, ocorre a constituição de um novo grupo social que partilha a provisoriedade dos espaços e a reelaboração de valores. O espaço ocupado pelo homem nessa cidade improvisada, não é o mesmo espaço urbano instituído, tradicional. Alguns valores são mantidos, outros se modificam, a paisagem é modificada pela ação do homem, enquanto a cidade é modificada pela ação das águas dos pantanais.

As pessoas retardam ao máximo a saída de suas casas, relutam em se afastar do seu lócus. Consideramos que estas vivem na cidade, mas o que ocorre, em essência, é a vivência das mesmas nos vários espaços que compõem o cenário da urbe. Elas não terão apenas que abandonar sua casa, seu espaço restrito e particular, mas sim, deixar para trás todo um universo urbano do qual é uma peça integrante cuja vivencia favorece e oportuniza sua interação e identidade. O que sinaliza, segundo Carlos, que a "significância marcada pelo lugar onde se desenvolve uma parte significativa da vida, cria os símbolos do

reconhecimento; a vida não se realiza suspensa no ar, mas enraizada em um lugar." (CARLOS, 2001:232)

Neste contexto, o conjunto urbanístico, permeado por representações e pelo tempo presente da cidade, são detentores tanto dos fatos de seu passado quanto de sua realidade diante do cenário das enchentes e da sua pretensão de futuro, pautada na possibilidade do retorno e da permanência. A idéia exposta nos permite entender, em conformidade com Pesavento que "a memória aparece como tessitura, a representar não a vida como ela foi, mas como se apresenta na lembrança de quem viveu a cidade de um outro tempo." (2002:27) A entrevista com a Elizabeth Nantes que na infância vivenciou o período das enchentes revela detalhes que para sua idade tinham maior relevância. Ela diz:

> Na cidade de lona que nós sempre íamos lá, tinha mercado tinha essas coisa. Tinha o galpão que era o clube. Vamos supor na época onde tinha as festas, era tudo no coletivo, a televisão era pra todo mundo, o clube era pra todo mundo, a comida era pra todo mundo. Então todo mundo tinha que sabe dividi (...) mas todo mundo com sua família, com seus pais, é isso que eu me lembro.[4]

O conjunto de imagens de uma cidade modificada pelas águas adquiriu múltiplos significados para os moradores. Para muitos, foi o sinal de que era hora de partir, buscar uma nova cidade e recomeçar. Ocorre um êxodo considerável para cidades mais próximas e em maior escala para a capital Campo Grande.

Consta nos relatos dos viajantes desde o Século XVI, as enchentes do Pantanal. Ao mesmo tempo em que eram descritas com fascínio causavam repulsa e medo. As primeiras anotações sobre as enchentes dos pantanais em Porto Murtinho foram feitas em 1905 por Rondon, quando na ocasião trabalhava na instalação e expansão das linhas telegráficas. Rondon descreveu o período de enchente como uma "situação terrível" e desesperadora, ruas inundadas e a população exposta a todo tipo de perigo. No relato dos moradores, em 1905 a cidade era apenas uma vila e não se tem noção ou registro do índice das águas. Em 1959, a enchente que inundou a cidade teve os níveis registrados em 7,75 m, não consta registro ou relatos de deslocamentos da população. Os danos mais significativos foram nas fabricas de tanino e para a pecuária. Na cidade as casas sofreram com as águas, cujo reboco era argila e, em sua maioria, da madeira do carandá. (KMITTA,2010:116)

[4] Elizabeth Ovelar Ayub Nantes. Entrevista em 21/Ago/2008. Produção: Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS

Em 1979, 1980 e 1982, o impacto causado pelas enchentes foi maior, as marcas estão nas paredes de algumas casas e na memória dos murtinhenses. Em dezembro de 1978 a Defesa Civil e autoridades municipais tiveram conhecimento do índice das chuvas em Mato Grosso. Em 1979, havia a descrença dos moradores quanto à possibilidade de uma grande enchente. No Pantanal as águas avançam em ritmo lento e vai se espraiando pelos pantanais. As águas inundaram a cidade. O pico das águas ocorreu em junho e julho com o índice de 9,14 m. A resistência dos moradores em abandonar suas casas foi uma das maiores dificuldades enfrentadas pela Defesa Civil e autoridades locais. O alojamento provisório foi construído a uma distancia de 7 km do local onde ficava a cidade e a população se recusava a sair. Muitos moradores em seus relatos afirmam que ficaram até o ultimo instante e, ainda assim retornavam de botes para a cidade inundada. No período das enchentes é inverno, a temperatura é elevada durante o dia e a noite faz muito frio.

Passado o impacto da enchente de 1979 os resíduos desse evento favoreceram uma nova enchente, em 1980, em menores proporções, com níveis registrados de 8,51 metros atingindo 20% da população ribeirinha e urbana nas partes mais baixas. O professor Firmo em seu relato ressalta que "pior do que a de 1979 houve ... foi 60 cm maior do que a enchente de [19]79 a régua foi para 9,72, aproximadamente."[5] Novamente cidade desaparece sob as águas. A experiência do deslocamento em 1979 facilitou o retorno à "cidade de lona", para o alojamento provisório. A população é atendida pela Defesa Civil, Bombeiros, Marinha e Exército que atuam na distribuição de alimentos, cobertores, vacinas, medicamentos, tratamento de água, manutenção da ordem e saneamento no local. Tanto em 1979 quanto em 1982 quando a população enfrenta o deslocamento, além das barracas de lonas construídas pelo Exército e Defesa Civil, havia também casinhas ou barracos improvisados. Carreta de trator, ônibus velho, tudo era utilizado e se transformavam em casas.

Em 1982 a cidade improvisada ganha novas configurações, mercadinho instalados pelos comerciantes, açougues, leiteria, bares para os encontros de final da tarde, para a cerveja e o jogo de cartas. Um campo de futebol improvisada, nas tardes de domingo era o ponto de encontro dos moradores. A escolinha, a horta e a festa de São João que é preparada com o esmero que o santo merece.

Após a enchente de 1982, surge a proposta do Governo Federal para o deslocamento definitivo da cidade. Evitando os inconvenientes dos deslocamentos e também como uma

[5] Firmo Luiz Fonseca. Entrevista em abril/2007. Prod. Ilsyane R. Kmitta. Porto Murtinho, MS.

estratégia contra as enchentes. Os moradores rejeitaram a proposta e retornaram as suas casas antes mesmo de baixar completamente o nível das águas. A resistência da população foi fator decisivo que resultou na construção de uma barreira de contenção de águas que circunda toda a cidade. Em 1988, uma nova enchente inunda a planície pantaneira, mas os murtinhenses estavam protegidos pelo dique. A enchente de 1988 atingiu a marca de 9,88 metros, na narrativa dos moradores, e 9,69 m, índice registrado pelo 6º Distrito Naval em Ladário.

A barreira de contenção de águas, chamado pelos moradores de dique, envolve toda a cidade com uma cota de 11,20 metros. Entre as características principais da obra de defesa, constam os dados do coroamento na cota de 11 metros, altura de 3 metros com largura no topo que varia de 4 a 8 metros, e a largura da base de 16 a 20m. A altura máxima atingida pelo dique em trechos localizados é de 4 metros e ocorre exatamente onde tem 8 metros de largura no coroamento, resultando uma largura na base de 24 metros. O dique possui um comprimento total de 11 km. (KMITTA, 2010:193).

Mesmo que sua finalidade seja a proteção da cidade contra as enchentes, muitos moradores reclamam porque a cidade ficou mais quente, perdeu-se a vista para o rio Paraguai e a falta de manutenção das bombas de escoamento geram insegurança. Os moradores dizem que a cidade está em *stand- by.* A temeridade de uma enchente em grandes proporções está associada à falta de tempo hábil para a retirada da população. As indagações são muitas no que se refere ao dique, quanto a sua construção, mudança no projeto inicial. O que chama a atenção é a insatisfação no que se refere às modificações da paisagem nas margens do rio Paraguai, as águas fazem parte do cotidiano dos moradores, habituados em olhar o rio.

As enchentes no Pantanal fazem parte do cotidiano dos seus moradores. Muitas entrevistas trazem relatos semelhantes ao que segue:

> A enchente do Pantanal, pra nós que moramo aqui é tudo normal. Isso é normal, mudança de animal, de gado, de um lugar pra outro sempre foi. Tudo é normal. Termina a enchente volta tudo de novo e até é melhor porque tem pasto ai.[6]

O entendimento de que o espaço urbano é constituído pela ação dos múltiplos sujeitos que o habitam e, por isso mesmo, é heterogêneo, está sempre em movimento e constante reelaboração, é de grande importância para compreendermos as relações existentes entre os moradores da orla pantaneira. Estas relações são interligadas por tênues fios que unem a

[6] Lidia Estefânia F. Fernandes. Entrevista em dezembro/2008. Prod. Ilsyane R. Kmitta.Porto Murtinho, MS

cidade, a natureza e o homem, onde estes atuam como agentes que organizam e reorganizam o espaço urbano, redireciona estratégias que atendam aos seus interesses primários, como a subsistência. A presença humana nestes espaços, neste encadeamento de relações provoca mudanças onde os homens modificam este espaço, alteram esta paisagem e são por ele modificados.

A existência de uma rede de relações num espaço determinado, numa "paisagem" engloba relações entre passado e presente e não se explica apenas e tão somente pelo aspecto político, mas também o aspecto social, cultural, econômico e religioso. Aliado aos aspectos de deslumbre que estigmatiza o Pantanal está à observância das necessidades locais que estão atrelados ao modo de vida da população. Uma cidade que surge a partir do porto de escoamento da erva mate e encontra no rio Paraguai, entranhado nos Pantanais sua identidade. Ela insiste em fixar suas bases nas margens frágeis lapidadas pelas águas que sustentam as chalanas que levam e trazem não apenas pessoas, mas sentimentos e emoções que norteiam o cotidiano.

Referências

ALBUM Graphico do Estado de Matto- Grosso. Org. S.C. Ayala e F. Simon. Corumbá, Hamburgo, 1914.

BRESCIANI, Mª S. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, n.2 / Novembro 2004.

CARLOS. A. F. Espaço-tempo na metrópole; a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CHARTIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, M. de M. (org.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa Osvaldo Cruz/CPDOC Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KMITTA, I.R. Experiências vividas, naturezas construídas: Enchentes no Pantanal (Porto Murtinho 1970-1990). 2010. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, MS.

LEITE, E.F. Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução. Dourados, MS. Ed. UFGD, 2009.

_____. Anotações sobre cultura e natureza nos Pantanais. Revista Diálogos DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 167-188, 2005

_____. Narrativas e Imagens: A busca do passado nas palavras e nos gestos. In: Fronteiras. Revista de História/ UFMS. V.7 n.13 -2003.

OLIVEIRA. Mª de F. Cidades Ribeirinhas do Rio Tocantins: Identidades e Fronteiras. Tese de Doutorado da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia/UFGO. Goiânia, 2007.

PESAVENTO. S.J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. Rev. Bras. História, vol. 27 n.53, jan-jun/2007.

_____. Indagações sobre a História Cultural. Rev. ArtCultura. vol. 3, n.3. Dez/2001. Uberlândia, MG. NEHAC

_____. Memória, História e cidade. Lugares no tempo, momentos no espaço. Rev. ArtCultura. vol. 4 nº 4, junho de 2002. Uberlândia, MG. NEHAC

_____. Muito além do espaço: Por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História. São Paulo. 1997.